

Ficções Filosóficas é uma coletânea de trinta e cinco ensaios nos quais Vilém Flusser se envolve e envolve seu leitor na reflexão apaixonada sobre o homem, o mundo e a linguagem. Seu texto, dinâmico e vivo, lança o leitor na aventura da busca de sentidos, que é também a busca de uma direção, por meio do prazer de um jogo ao mesmo tempo reflexivo e poético. As ligações intelectuais e afetivas do autor com o Brasil, onde viveu durante anos, participando ativamente da vida intelectual brasileira, tornam esta obra especialmente importante. No livro *Bodenloss*, editado na Alemanha (1991), relata sua situação de imigrado no Brasil. Suas publicações brasileiras incluem trabalhos na *Revista Brasileira de Filosofia*, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, do qual foi colaborador, assim como outras obras publicadas por editoras brasileiras. Foi professor da Escola de Arte Dramática (EAD), ministrou cursos de Filosofia de Linguagem, no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e de Filosofia e Evolução da Ciência, na Escola Politécnica da USP.

ISBN 85-314-0449-5



9 788531 404498

Ficções Filosóficas – Vilém Flusser

Ficções Filosóficas

Vilém Flusser

199
F647f

edusp

1001158

Ficções Filosóficas

DEDALUS - Acervo - FFLCH-FIL



21000001369

VILÉM FLUSSER

Introdução

Maria Lília Leão

Apresentação

Milton Vargas

USP

Reitor Jacques Marcovitch
Vicé-Reitor Adolpho José Melfi

edusp

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Presidente Sergio Miceli Pessoa de Barros
Diretor Editorial Plinio Martins Filho
Editores-Assistentes Heitor Ferraz
Rodrigo Lacerda

Comissão Editorial Sergio Miceli Pessoa de Barros (Presidente)
Davi Arrigucci Jr.
Hugo Aguirre Armelin
Oswaldo Paulo Forattini
Tupã Gomes Corrêa



SBD-FFLCH-USP



165772

edusp

progreído muito ultimamente pelas veredas do nada. O que fazer? Não creio que a resposta adequada a essa pergunta seja um movimento monótono e rítmico das palmas da mão...

12. ARTE VIVA

(Para a revista Arte em São Paulo)

Para os antigos o termo “arte” (*ars, techné*) tinha significado diferente do atual (se é que atualmente existe consenso quanto ao significado do termo). Havia, então, uma única arte suprema: *ars vivendi* (o saber como viver), e todos os artificios, artimanhas e artefatos estavam a serviço de tal arte. Para grande surpresa nossa, a antiga visão do fazer artístico está re-emergindo, embora sob formas dificilmente reconhecíveis. Estamos sendo testemunhas de duas revoluções arrasadoras: a “telemática” e a “biotécnica”, e ambas estão convergindo. A primeira promete que nossa vida será programável; a segunda, que será programável não apenas a nossa vida, mas a vida como um todo. Em seu conjunto, as duas revoluções prometem que doravante seremos “artistas da vida”. Este ensaio se propõe refletir sobre a “biotécnica” (este equivalente grego da *ars vivendi* latina), do ponto de vista estético: biotécnica enquanto arte suprema.

Não importa qual o significado que queiramos dar ao termo “arte”; sempre implica elaboração de informação a ser preservada (em pedra, em bronze, em tela, em papel, em campo eletromagnético, em fita). Ora, a tentativa de preservar informação elaborada está fadada ao malogro. Todo material (todo suporte de informa-

ção) será decomposto, e a informação nele guardada será esquecida. (Segundo princípio da termodinâmica, “entropia”.) Não apenas as obras individuais do passado se desintegraram, mas provavelmente culturas inteiras desapareceram sem deixar traço. Quem se empenhar em produção de valores eternos, ou quem visar imortalidade na obra, está enganado. Mas há um curioso material no planeta Terra que parece desafiar o esquecimento: a matéria viva. Trata-se de uma massa viscosa (a “biomassa”), que engloba a Terra e cujo peso é aproximadamente calculável. Tal massa está composta de gotas que contêm informação, gotas que tendem a se dividir e a transmitir a sua informação aos seus sucessores. No processo de transmissão ocorrem erros (“mutações”), de modo que a informação fica mudada. A biomassa como um todo é, pois, correnteza dentro da qual informações são guardadas e variadas. Por certo: tal desafio ao esquecimento é apenas aparente. A vida na Terra não é eterna e desaparecerá (por exemplo, quando o nosso planeta se aproximar do Sol mais um pouco). Porém, a duração da “informação genética” é considerável, e deve ser medida em centenas de milhões de anos (enquanto a duração das informações artísticas se mede em milhares de anos, no melhor dos casos). A informação genética é praticamente eterna.

No entanto: toda admiração diante de tal processo de elaboração, preservação e transmissão de informação (toda admiração diante da “evolução da vida”) seria ingenuidade. Trata-se de processo stupidamente cego. Toda informação nova surge nele por erro, por acaso. No decorrer das centenas de milhões de anos que tal processo dura, obras extremamente complexas foram realizadas (por exemplo, o sistema nervoso do octópode ou o cérebro humano), mas foram realizadas pelo método do erro. E há mais isto: as obras realizadas (os organismos vivos) não contribuem para a elaboração de informação nova. Por exemplo: o nosso próprio corpo não passa de canal pelo qual fluem as gotas portadoras de informação (o esperma e os óvulos), e nada daquilo que fazemos ou sofremos (nada da nossa cultura, da nossa “arte”) terá a mínima influência sobre as futuras mutações da informação genética humana. Esta mudará ao acaso. Nenhuma informação adquirida por nós pode ser geneticamente herdada. Nada mais stupidamente cabeçudo que a biomassa, mais cabeçuda que pedra ou bronze, que pelo menos admitem ser informados. Não é material para artista.

Ora: esta afirmativa está deixando de ser verdadeira. As gotas que perfazem a biomassa são microscópicas, e menor ainda a informação nelas contida. Razão por que foram descobertas apenas recentemente. E aí foi descoberto que a informação genética (moléculas de ácidos nucleicos) pode ser manipulada. Isto é descoberta fulminante. Diz ela que doravante será possível elaborar informação, imprimi-la em matéria viva e destarte fazer com que tal informação se conserve e propague “automaticamente” por duração praticamente eterna. Diz ela que doravante dispomos de técnica para realizar obras de arte vivas que se multiplicarão e darão origem a mais obras de arte vivas. Como, depois de tal descoberta, continuar a fazer obras inanimadas (escultura, pintura, livro, partitura, filme, vídeo, holograma)? A biotécnica, a arte do vivo, a arte viva, não acabará com todas as demais artes?

Antes de nos deixarmos agarrar pela vertigem da criatividade (antes de nos assumirmos criadores de vida), algumas considerações devem ser feitas. E a primeira é tão curiosa que temos dificuldade de perceber o seu alcance. Toda informação genética contida na biomassa é codificada em um único material (ácidos nucleicos), e tem uma única estrutura (dupla hélice). Isto implica que todos os seres vivos (e que sejam tão diferentes um do outro quanto o é um pinheiro de um chimpanzé) não passam de variações de uma única informação de base. E implica ainda que se existissem processos semelhantes aos processos biológicos, mas que tivessem informação de base diferente da nossa, não os reconheceríamos enquanto processos vitais, quer tais processos se desenvolvam nas profundezas do espaço, quer aqui mesmo na Terra (razão por que a busca de “outras formas de vida” sobre outros planetas não passa de mal-entendido). A nossa forma de vida é a única, pela simples razão de que se fosse outra não seria vida.

Ora, tal consideração leva a outra: todas as informações elaboradas pela evolução são variações de um único tema. Existem dois tipos de criatividade: a “variacional” e a “transcendente”. A criatividade variacional cria informações novas ao variar informações disponíveis. A criatividade transcendente cria informações novas ao introduzir elementos estranhos (“ruídos”) em informações disponíveis. A evolução biológica recorre à criatividade variacional apenas (se desconsiderarmos o problema da “origem da vida”). E a biotécnica faz outro tanto: varia informações genéti-

cas disponíveis, sem interferir nem na sua substância, nem na sua estrutura. Distingue-se ela da evolução “natural” apenas pelo fato de produzir suas variações segundo programa (deliberadamente), e não por erro (casualmente).

A visão atual de “arte” (a qual continua sendo mais ou menos romântica) espera do artista criatividade “transcendente”. Por certo: o conceito “arte” perdeu ultimamente parte de sua aura precedente; o termo “arte” não mais se opõe necessariamente ao termo “técnica”, e “artístico” não mais se opõe necessariamente a “artesanal”, já que em ambos se reconhece “artificialidade”. No entanto: a obra de arte dita “autêntica” continua envolta nas brumas da “criatividade transcendental”, isto é: quer-se “original”, embora devamos admitir que a crítica encontra dificuldades para precisar o que distingue obra “transcendental” de obra surgida de variações de temas. Se a obra “transcendental” introduziu “ruídos” em informações preexistentes, de onde tirou ela tais “ruídos”, senão de outros contextos, eles também preexistentes? Seja como for: a biotécnica não corresponde ao critério “transcendente” e deve, portanto, ser considerada “arte menor”, não “intuitiva”, “inspirada”. Computadores podem calcular e programar as manipulações com informação genética por ela realizadas.

Se considerarmos a competência da biotécnica, tal depreciação da biotécnica enquanto “arte viva” parece absurda. E ela é competente para criar seres vivos, tais como jamais existiram. Não apenas quimeras do tipo *Geep* (síntese de cabra-*goat*, e ovelha-*sheep*, que desde já pasta nos prados de universidade californiana). Mas igualmente seres que sintetizam características zoológicas com botânicas (animais que produzem clorofila). No futuro, organismos serão criados que substituirão as máquinas inanimadas e inteligências artificiais “vivas” (não mais construídas com silício, mas com fibras nervosas). Não resta dúvida que a criatividade “variacional” da biotécnica resultará em obras mais “originais” que tudo até aqui produzido como arte “transcendental”, “inspirada”. Abre ela campo ilimitado para o empenho criador do futuro.

Mas se é verdade que até agora a biotécnica se limitou a variar informação genética disponível, não é menos verdade que poderá, no futuro, interferir na substância e na estrutura de tal informação e virar “transcendentalmente criativa”. Basta que substitua um único átomo em molécula de ácido nucleico por outro, e

terá criado forma de vida tal que jamais existiu previamente. Ora, isto abre perspectivas estonteantes. Imaginem, por um instante, o resultado de tal criação de várias formas de vida “alternativa”. Sabemos que a evolução da informação genética disponível resultou em sistemas complexos chamados “nervosos”, e que tais sistemas se caracterizam por “processos mentais”, ou seja, percepção, sensação, desejo, pensamento, decisão, sentimento. Por certo: os processos mentais de um octópode, de uma abelha e de um homem são muito diferentes um do outro, mas todos eles estão contidos enquanto virtualidades em informação genética comum a todos. Formas de vida “alternativa” poderão resultar em sistemas nervosos (ou de outro tipo) que se caracterizarão por processos mentais inteiramente diferentes dos conhecidos. E isto não levará necessariamente centenas de milhões de anos para realizar-se (como no caso da evolução “natural”), porque o método não mais será o do acaso cego, mas o da programação deliberada. Tais novos processos mentais poderão realizar-se em futuro previsível.

Dada esta consideração estonteante, fica claro que não é possível abandonar-se a biotécnica aos técnicos, e que é preciso que artistas participem da aventura. O desafio é óbvio: dispomos atualmente de técnica (arte) capaz não apenas de criar seres vivos novos, mas igualmente formas de vida com processos mentais (“espírito”) novos. Dispomos atualmente de técnica (arte) apta a criar algo até agora inimaginado e inimaginável: um espírito vivo novo. Espírito este que o próprio criador será incapaz de compreender, já que fundado sobre informação genética que não é a sua. Isto é tarefa, não para biotécnicos abandonados à sua própria disciplina, mas para artistas em colaboração com os laboratórios atualmente estabelecidos. A rigor, as escolas de arte deveriam mudar para tais laboratórios, e tais laboratórios deveriam fazer parte das escolas de arte.

Vejam o que está acontecendo: a crítica de arte romântica (e não apenas a romântica) afirma que “arte” é um fazer que sopra vida em espírito novo, e que tal novo espírito ultrapassa o próprio artista. Tal afirmação é metafórica, mas agora passa a ser literalmente verdadeira. A biotécnica é arte que traduz as metáforas precedentes em fatos. A biotécnica é “arte” no significado literal do termo. Diante disto, todas as formas prévias de arte empalidecem e passam a ser estágios preparatórios para a verdadeira criatividade.

Quando contemplamos as duas revoluções, a telemática e a biotécnica, temos a tendência de considerá-las industrialmente: teremos inteligências artificiais ligadas entre si globalmente e que programarão organismos artificiais para trabalhar. Mas este não é o ponto de vista adequado. As duas revoluções, cada qual por si, e mais ainda conjugadas, abrem perspectivas inacreditavelmente amplas para criatividade nova. Abrem o campo para a emergência de uma arte no significado literal do termo: criadora de espírito novo. Abrem campo para a emergência de uma *ars vivendi* tal qual os antigos sonhavam apenas em mitos. Este ensaio pretende despertar a consciência disso.

13. ESPECTROS* UMA CONFERÊNCIA DO ARCANJO GABRIEL

Senhores Espíritos: Entre os espíritos primitivos sempre existiu a crença na existência de corpos vivos. Em outras palavras, a crença de que o espírito pode encarnar-se. Essa crença é típica das ordens inferiores. E até certos espíritos jovens, de ordens mais elevadas, inclinam-se a aceitá-la. Ultimamente, no entanto, essa superstição tem-se abrigado em mantas de filosofia e ameaça infiltrar-se nas ordens mais avançadas. Fui, pois, incumbido de eliminar esta crendice.

Resumindo em poucas palavras a teoria em discussão: "Aquilo que chamamos nascimento de um espírito não é mais que a morte de um corpo vivo. E aquilo que chamamos morte de um espírito não é mais que a sua encarnação. As idéias confusas dos espíritos recém-nascidos são reminiscências de uma vida em corpo. O desaparecimento do espírito é a sua passagem para um reino fantasmagórico, meio espiritual e meio corporal. A conhecida inquietação do espírito antes da morte é seu desejo de encarnar-se". Alguns espíritos exaltados até afirmam terem entrado em contato com "corpos vivos" e organizam sessões para invocá-los e conjurá-

* Publicado na revista *XI de Agosto*.